

## **Amarylio de Albuquerque na Gazeta de Notícias: a “música nacional” em críticas**

*Andrea Albuquerque Adour da Camara*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro – andreaadour@musica.ufrj.br*

**Resumo:** Amarylio de Albuquerque foi um crítico musical, jornalista, pesquisador e escritor paraibano que atuou no Rio de Janeiro. Nascido em 1902 e falecendo em 1983, foi o inventariante de Villa Lobos e é também o autor da poesia da obra *Jardim Fanado*, canção de Villa-Lobos dedicada à Mindinha. Assinou a crítica musical em dois periódicos: *Vamos Lêr*, na década de 40, e *Gazeta de Notícias*, nos anos 50. O teor de suas críticas exalta frequentemente a arte lírica nacional, bem como os compositores brasileiros, em especial Villa-Lobos. Neste artigo, demonstraremos estes elos com o ideário nacional em favor da música brasileira, a partir das críticas do periódico Gazeta de Notícias.

**Palavras-chave:** Amarylio de Albuquerque – Música brasileira – Crítica musical brasileira – Villa Lobos

Amarylio de Albuquerque: Villa Lobos and National Music in Criticism

**Abstract:** Amarylio de Albuquerque was a music critic, journalist, researcher and writer from Paraíba who worked in Rio de Janeiro. Born in 1902 and dying in 1983, he was the inventor of Villa Lobos and is also the author of the poetry of the work *Jardim Fanado*, a work by Villa Lobos dedicated to Mindinha. He signed the music critic in two periodicals: *Vamos Lêr*, in the 40's and in *Gazeta de Notícias* in the 50's. The content of his criticism always exalts the national lyric art, as well as the Brazilian composers, especially Villa Lobos. In this article, we will demonstrate these links with national ideas in favor of Brazilian music, based on the criticism of the *Gazeta de Notícias*.

**Keywords:** Amarylio de Albuquerque - Brazilian Music - Brazilian Music Review - Villa Lobos

### **Introdução.**

Falar a respeito do escritor, jornalista e crítico musical Amarylio de Albuquerque é, para mim, algo bastante pessoal, visto tratar-se de meu tio avô. Foi a partir destas histórias familiares que o meu interesse pelo estudo da música brasileira se iniciou, reconhecendo o eco destes antepassados que hoje refletem minha trajetória como cantora e musicóloga. É meu intento neste trabalho dar o primeiro passo para trazer à tona a história deste homem, bem como sua contribuição para a crítica musical brasileira a partir de suas publicações no periódico *Gazeta de Notícias*. Reservaremos para trabalhos futuros a investigação no periódico *Vamos Lêr*, onde também mantinha uma coluna, bem como em outros periódicos. A metodologia utilizada na investigação consistiu em duas partes: a primeira foi a utilização

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

de fontes primárias, a partir do acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, e a segunda, foi a entrevista a filha de Amarylio de Albuquerque, Wanda de Albuquerque, a quem agradecemos pela contribuição à este trabalho. A entrevista foi realizada de forma aberta e presencialmente. Na Hemeroteca Digital, foi utilizado o sistema de busca específica nas grafias Amarilio de Albuquerque (Tab. 1), e Amarylio de Albuquerque (Tab. 2). Seguem abaixo as tabelas com as ocorrências encontradas:

Anos	Ocorrências	Periódicos
1920 a 1929	113	O Paiz (RJ), O Malho (RJ), Correio Paulistano (SP), Correio da Manhã (RJ), Jornal do Brasil (RJ), O Imparcial (RJ), O Jornal (RJ), Jornal do Comércio (RJ), Almanak Laemmert (RJ), Gazeta de Notícias (RJ), O Brasil (RJ), O Fluminense (RJ), O Tico-tico (RJ), O Jornal (PB), Diário Nacional (SP), A Noite (RJ) e Vida Doméstica (RJ).
1930 a 1939	93	O Paiz (RJ), Correio da Manhã (RJ), Correio Paulistano (SP), Jornal do Comércio (RJ), A Noite (RJ), Diário Carioca (RJ), Gazeta de Notícias (RJ), A Batalha (RJ), O Radical (RJ), Diário de Notícias (RJ), O Imparcial (RJ), O Jornal (RJ), Diário da Manhã (ES), Diário da Noite (RJ), Revista da Semana (RJ), Diário de Perbambuco (PE), Almanak Laemmert (RJ), A Federação (RJ), Jornal de Recife (PE) e A Gazeta (SP).
1940 a 1949	175	Diário de Notícias (RJ), A Noite (RJ), Jornal do Brasil (RJ), Correio da Manhã (RJ), Gazeta de Notícias (RJ), Carioca (RJ), Vamos Lêr, A Manhã (RJ), Jornal do Comércio (RJ), Diário Carioca (RJ), Diário da Noite (RJ), A Noite (RJ), O Radical (RJ), O Jornal (RJ), Beira Mar (RJ), Careta (RJ), O Imparcial (RJ), Jornal dos Sports (RJ), O Malho (RJ), Nação Brasileira (RJ), Sombra (RJ), Cultura Política (RJ), Sport Ilustrado (RJ), Vida Política (RJ), A Casa (RJ), A Cruz (RJ) e O Estado de Florianópolis (RJ)
1950 a 1959	86	Correio da Manhã (RJ), Gazeta de Notícias (RJ), Diário de Notícias (RJ), Jornal do Brasil (RJ), Tribuna da Imprensa (RJ), Jornal do Commercio (RJ), A Noite (RJ), Diário Carioca (RJ), O Jornal (RJ), A Manhã (RJ), A Cruz (RJ), Diário de Pernambuco (PE), Diário da Noite (RJ), O Poti (RN) e O Pioneiro (RS)
1960 a 1969	42	Diário de Notícias (RJ), Jornal do Brasil (RJ), Correio da Manhã (RJ), Tribuna da Imprensa (RJ), O Jornal (RJ), Diário Carioca (RJ), O Fluminense (RJ), Manchete (RJ), Diário de Pernambuco (PE), A Noite (RJ), Jornal do Commercio (RJ) e Revista do Livro (RJ)
1970 a 1979	23	Jornal do Brasil (RJ), Diário de Notícias (RJ), O Jornal (RJ), Boletim ABI (RJ), Diário de Pernambuco (PE), Jornal do Comércio (RJ), Diário do Parana (PR)

Tabela 1: Tabela demonstrativa das ocorrências na Hemeroteca Digital a partir da grafia “Amarilio de Albuquerque”

Anos	Ocorrências	Periódicos
1920 a 1929	105	O Paiz (RJ), Gazeta de Notícias (RJ), O Malho (RJ), Correio da Manhã (RJ), O Jornal (RJ), Jornal do Comércio (RJ), Jornal do Brasil (RJ), O Imparcial (RJ), O Brasil (RJ), Fon-fon (RJ), Revista da Semana (RJ), A Manhã (RJ), A Rua (RJ), A Noite (RJ), Crítica (RJ), Correio Paulistano (SP), Diário Carioca (RJ), Para Todos (RJ), A Província (PE), Jornal do Commercio (AM), Revista Souza Cruz (RJ), A República (PR)
1930 a 1939	113	Jornal do Commercio (RJ), Correio da Manhã (RJ), O Paiz (RJ), Correio da Manhã (RJ), A Batalha (RJ), Gazeta de Notícias (RJ), Jornal do Brasil (RJ), Diário Carioca (RJ), Diário de Notícias (RJ), O Jornal (RJ), A Noite (RJ), O Radical (RJ), Diário da Noite (RJ), Correio Paulistano (SP), Almanak Laemmert (RJ), República (SC), Beira Mar (RJ), O Imparcial (RJ), Fon-fon (RJ) e Crítica (RJ).

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

1940 a 1949	104	Vamos Lêr, A Noite (RJ), Correio da Manhã (RJ), Carioca (RJ), Gazeta de Notícias (RJ), Letras Brasileiras (RJ), O Jornal (RJ), Jornal dos Sports (RJ), A Biblioteca (RJ), Diário Carioca (RJ), O Imparcial (RJ), Sport Ilustrado (RJ), Almanach eu sei tudo (RJ), e Jornal do Commercio (RJ).
1950 a 1959	167	Gazeta de Notícias (RJ), Correio da Manhã (RJ), Leitura (RJ), Jornal do Dia (RS), Tribuna da Imprensa (RJ), Jornal do Commercio (RJ), A Luta Democrática (RJ), Boletim da Associação Brasileira de Imprensa (RJ), Correio Paulistano (SP), A Manhã (RJ), Diário da Noite (RJ), A Cruz (RJ), (RJ),
1960 a 1969	31	Leitura (RJ), Correio da Manhã (RJ), Tribuna da Imprensa (RJ), Manchete (RJ), Diário de Pernambuco (PE), O Jornal (RJ), Jornal do Commercio (RJ).
1970 a 1979	18	Tribuna da Imprensa (RJ), O Jornal (RJ), Jornal do Commercio (RJ).
1980 a 1989	1	Tribuna da Imprensa (RJ)

Tabela 2: Tabela demonstrativa das ocorrências na Hemeroteca Digital a partir da grafia “Amarylio de Albuquerque”.

A presença de Amarylio de Albuquerque nos periódicos brasileiros é, como podemos constatar a partir do número de ocorrências, que totalizam 1071, bastante significativa. Sua vida na política brasileira foi intensa, e seu nome é citado em muitas reuniões e atas em situações decisórias do poder executivo e legislativo. Para além disto, há ainda o homem literato, que escrevia críticas, contos, poesias e crônicas. Aqui nos ateremos à coleção de críticas assinadas por Amarylio no Gazeta de Notícias, entre os anos de 1950 e 1956.

### **Amarylio de Albuquerque**



Figura 1: Foto de Amarylio de Albuquerque (A Noite, 29 de dezembro de 1941, p. 8)



Figura 2: Caricatura de Amarylio de Albuquerque no periódico Vamos Lêr (Vamos Lêr, 25 de dezembro de 1941, p. 15)

Amarylio de Albuquerque (Fig. 1 e Fig. 2) nasceu em Areia, em 11 de fevereiro de 1902, na Paraíba, onde seu pai, Octacílio Camello de Albuquerque foi prefeito. Octacílio casou-se com Zulmira e gerou 7 filhos, aqui apresentados: Marina de Albuquerque Maciel (esposa do deputado Leandro Maciel), Amarylio de Albuquerque (advogado, literato e jornalista), Jair de Albuquerque (eletricista), Dulcelina de Albuquerque Pinto (casada com o jornalista Luiz da Silva Pinto, biógrafo de Octacílio de Albuquerque, com a publicação *Octacílio da Albuquerque, época, vida e obra*), Togo de Albuquerque (advogado e funcionário da Fazenda), João de Albuquerque (médico), e Paulo de Albuquerque (cirurgião-dentista). Amarylio faleceu em 15 de agosto de 1983 no Rio de Janeiro, em consequência de uma pneumonia, no Hospital Pró-Cardíaco no bairro Botafogo.

A mudança de Amarylio da Paraíba para o Rio de Janeiro deu-se quando seu pai, Octacílio de Albuquerque, exerceu mandato enquanto deputado federal pelo estado da Paraíba, conforme noticiado no Diário de Pernambuco de 02 de abril de 1918:

Effectuou-se ante-hontem às dezessete e meia horas, na gare da Great Western o embarque para o Rio de Janeiro do sr. dr. Octacilio de Albuquerque, ilustre deputado federal que tomou o Itatinga, em Cabedello. O Bota-fora do mesmo congressista foi assistido por numerosos representantes de nossas diversas classes, tendo comparecido o presidente do Estado dr. Camillo de Holanda.

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

Em companhia do sr. dr. Octacilio de Albuquerque, que seguiu em carro especial para Cabedelo, viaja o seu filho Amarylio de Albuquerque, afim de concluir no Rio o seu curso de preparatórios. (Diário de Pernambuco, 2 de abril de 1918, p. 4)<sup>1</sup>.

Sua permanência no Rio acabou sendo assegurada pelos seguidos mandatos de seu pai, tanto como deputado federal, quanto como senador da república.

Começou a escrever desde muito cedo, e, nos periódicos, podem ser encontrados contos, poesias e crônicas a respeito dos mais variados assuntos, havendo vários de seus textos em periódicos a partir do ano de 1926. Em 1922, foi convidado à um cargo público, inicialmente como auxiliar, mas posteriormente tornou-se Oficial da Câmara dos Deputados:

Em resposta a requisição que lhe foi feita pelo director do Senado, sr. Dr. Rodolpho Custodio Ferreira, director da Secretaria da Camara dos Deputados, enviou ao seu collega da outra casa do Congresso Nacional, um officio designando os seguintes funcionarios para servirem no Congresso Nacional: 1.os officiaes Floriano Bueno Brandão e José Cavalcante Regis. 2.o official Adolpho Gigliotti. 3.os officiaes João de Almeida Portugal e Sylvio Corrêa de Brito; auxiliares: Amarylio de Albuquerque, Mario Saraiva, Cid Buarque de Gusmão, Urbano Castello Branco e Pedro Pereira da Cunha. (Correio Paulistano, 20 de maio de 1922, p. 1).

No ano de 1924, foi aprovado no curso de Direito na Universidade do Rio de Janeiro, data verificada a partir de publicação no periódico Jornal do Brasil: “Nos exames vestibulares realizados nos dias 25, 26 e 28 de janeiro, foram aprovados: Affonso Alves de Camargo Filho, Amarilio de Albuquerque (...)” (Jornal do Brasil, 30 de janeiro de 1928, p. 14). Possivelmente, o fato de Amarylio ter concluído este curso favoreceu a escolha de seu nome por Villa-Lobos, enquanto inventariante de sua obra, conforme veremos mais adiante.

Em 1925, tornou-se sócio da Associação Brasileira de Imprensa, fato que permitiu seu acesso à diversos periódicos como jornalista, possibilitando também o contato com diversos literatos de sua época, conforme noticiou o Jornal do Brasil em 1925:

Realizou-se hontem a sessão semanal desta Associação, presidida pelo Sr. Raul Pederneiras e com a presença dos Srs. Netto Machado, Américo Leitão, Irineu Velloso, Paulo Filho e Paulo Pereira, foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Passou-se ao expediente que constou do seguinte. Foram aceitos como sócios os Srs. Guerino Casasanta, Augusto Celso de Moura, José Gabriel de Lemos Britto, Eurico Baeta de Faria, Joaquim Osorio Duque Estrada, Eurycles Felix de Mattos, Alberto (...) Machado, Lucilio Ancora, Amarilio de Albuquerque e Eugenio Catta Preta: foram à comissão de syndicancia nove propostas. (Jornal do Brasil, 9 de setembro de 1925, p. 16).

---

<sup>1</sup> Foram mantidas as maneiras e grafias de todos os textos dos periódicos aqui transcritos.

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
11-12 de novembro de 2019

Autor de diversas poesias, era reconhecidamente literato e declamador, participando de diversos eventos de poesia e música. São encontrados nos periódicos, diversos anúncios de participações e elogios à sua poesia e declamação. Escreveu ensaios a respeito de política, bem como foi autor de livros infantis, tais como *Dedo Mindinho* (1939), com ilustração do também paraibano Tomás Santa Rosa (1909-1956), *História de Papai Noel* (1941) e o livro de versos infantis *Caixinha de Bombons* (1959) (Figura 3). Também na área literária publicou o romance *Sangue Morno* (1970), o estudo *Dimensões de Três Poetas Desventurados: Augusto dos Anjos, Antonio Nobre e Baudelaire* (1977) e o livro de poesias *Nós Dois (Conversa de Namorados)* (1963) (Fig. 4 e Fig. 5). Na área de música, publicou *Ouviram do Ipiranga (a Vida de Francisco Manuel da Silva)* (1959), a *História do Hino Nacional Brasileiro* (1944) e *Pequena Biografia dos Grandes Compositores* (1943) (Fig. 6), além de dois importantes artigos intitulados *Sumé-pater-patrium* (1974) e *O canto do pajé* (1982), na publicação *Presença de Villa Lobos*<sup>2</sup>.



Figura 3: Capas de publicações infantis de Amarylio de Albuquerque. A última das três, trata-se de uma coletânea intitulada Mundo Juvenil, cujo volume 2 contém as obras *História de Papai Noel* e *Caixinha de Bombons*. A imagem acima foi montada a partir do critério busca de imagens<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Entre os anos de 1965 e 1981, o Museu Villa-Lobos junto ao Ministério da Educação e Cultura publicaram o título *Presença de Villa-Lobos* em treze volumes, incluindo textos de Amarylio de Albuquerque no volume 5, publicado em 1970.

<sup>3</sup> Imagem de *Dedo Mindinho*, disponível em: <https://sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=1538205>, acesso em 7 de fevereiro de 2020; imagem de *História de Papai Noel*, disponível em [https://www.coisas.com/Historia-de-Papai-Noel.name.225932276.auction\\_id.auction\\_details](https://www.coisas.com/Historia-de-Papai-Noel.name.225932276.auction_id.auction_details), acesso em 7 de fevereiro de 2020. imagem de *Caixinha de Bombons*, integrando a coleção Mundo Juvenil, disponível em <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1111268452-coleco-mundo-juvenil-15-volumes- JM>, acesso em 7 de fevereiro de 2020.

Simpósio Internacional Música e Crítica  
Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
11-12 de novembro de 2019



Figura 4: Capas de publicações literárias de Amarylio de Albuquerque, imagem acima montada a partir de imagens da internet e acervo pessoal.<sup>4</sup>

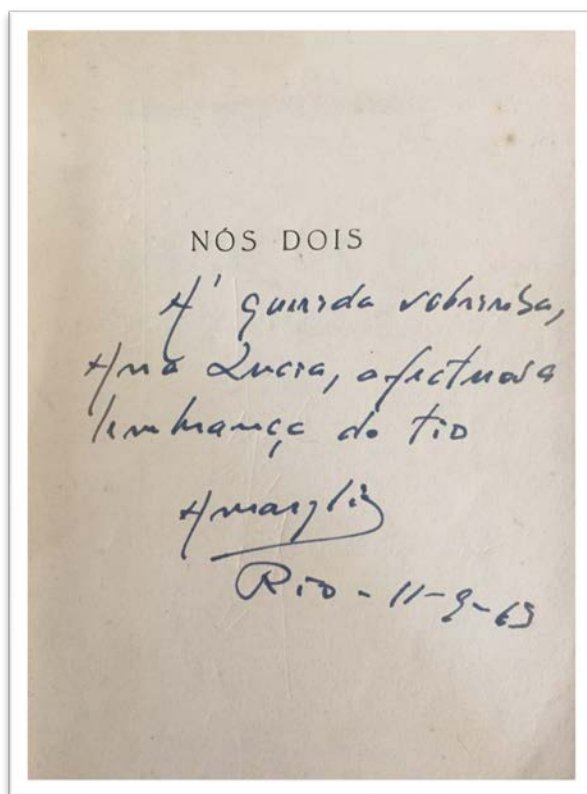


Figura 5: Contracapa autografa do livro de poesias *Nós Dois*, com dedicatória à minha prima, Ana Lúcia, em onze de setembro de 1963. Acervo pessoal.

<sup>4</sup> Imagem de *Sangue Môrno* disponível em <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DUDGezce/>, acesso em 07 de fevereiro de 2020; imagem de *Dimensões de Três Poetas Desventurados* disponível em [https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1071750096-livro-dimensoes-de-trs-poetas-desventurados-amarylio-de-alb-\\_JM](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1071750096-livro-dimensoes-de-trs-poetas-desventurados-amarylio-de-alb-_JM), acesso em 07 de fevereiro de 2020; imagem de *Nós Dois*, acervo pessoal.





Figura 6: Capas das obras na de Amarylio de Albuquerque na área musical. Imagem acima montada a partir de imagens da internet e acervo pessoal.<sup>5</sup>

Além das críticas musicais, há ainda a presença de críticas de artes visuais, contos e poesias de Amarylio de Albuquerque, que foram em publicadas em diferentes periódicos, tais como o Correio da Manhã, Gazeta de Notícias, Fon Fon, O Jornal, A Batalha, Jornal do Brasil, A Noite. Algumas de suas poesias foram musicadas por compositores como Villa-Lobos (*Jardim Fanado*) (Figura 7) e Najla Jabor (*Romance, op. 13*) (Figura 8). Suas poesias infantis, a partir da publicação *Dedo Mindinho*, serviram ainda ao regente e arranjador húngaro Arnold Gluckmann (1894-1951) como material composicional para um inédito concerto infantil, organizado por Carlos Drummond de Andrade:

Realiza-se no próximo dia 4 de agosto, no Teatro Ginástico Português, o concerto infantil de composições de Arnold Gluckmann com poesias de Amarylio de Albuquerque, pelas crianças da Rádio Guanabara. Patrocinará essa original noite da arte o Sr. Carlos Drummond de Andrade, secretario do Ministro da Educação. Será esta a primeira vez que se realiza uma autêntica audição infantil, constituindo a nota predominante as belas canções infantis de autoria do consagrado maestro, escritas com um sabor especial de graça e leveza. (Correio da Manhã, 31 de julho de 1941, p. 13)

<sup>5</sup> Imagem de *Ouviram do Ipiranga* disponível em <http://www.promemorialeiloes.com.br/peca.asp?ID=3914111&ctd=567&tot=&tipo=&artista=>, acesso em 7 de fevereiro de 2020; imagem de *A História do Hino Nacional* disponível em <https://www.traca.com.br/livro/852224/>, acesso em 7 de fevereiro de 2020; imagem de *Pequenas Biografias dos Grandes Compositores*, acervo pessoal.



Simpósio Internacional Música e Crítica  
Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
11-12 de novembro de 2019



Figura 7: Capa da obra para canto e piano *Jardim Fanado*, de Heitor Villa-Lobos com letra de Amarylio de Albuquerque, disponível no acervo APHeCaB (Acervo de Partituras Hermelindo Castello Branco) através do Instituto Piano Brasileiro.



Figura 8: Manuscrito da peça *Romance, op. 13* da compositora Najla Jabor, com poesia de Amarylio de Albuquerque. O manuscrito está disponível na BAN (Biblioteca Alberto Nepomuceno).

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
11-12 de novembro de 2019

Casou-se em 04 de janeiro de 1928 com Heloisa de Almeida Guimarães (Fig. 9 e Fig. 10), com quem teve duas filhas, Wanda Maria Albuquerque Barreto e Emy Albuquerque Pangela. Heloisa passou a chamar-se Heloisa de Albuquerque e, após o casamento, tomou aulas com Gabriella Besanzoni, que a introduziu ao corpo lírico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, contato que surgiu em decorrência da amizade de Amarylio de Albuquerque com o empresário Henrique Lages. Na família de Heloisa, todos os quatro irmãos cantavam: Inácio Guimarães, Emma Guimarães (medalha de ouro pela escola de música em canto), Heloisa Guimarães de Albuquerque e Henrique Guimarães. Heloisa possuía até o 8º ano de piano. O envolvimento de Heloisa com o corpo social da música, bem como seu reconhecido saber musical, certamente contribuíram para que Amarylio obtivesse a segurança necessária para escrever críticas em uma área de conhecimento, música, tão distante de sua formação. Wanda Albuquerque, sua filha, confirma este fato, ao nos informar que Amarylio e Heloisa sempre conversavam após as apresentações que assistiam e que, certamente, muitas críticas são resultantes dessas conversas.



Figura 9: Foto do casamento de Amarylio de Albuquerque com Heloisa de Almeida Guimarães. (O Malho, 14 de janeiro de 1928, p. 30).



Figura 10: Imagem da soprano Heloisa de Albuquerque no periódico Diário de Notícias, de 9 de abril de 1938.<sup>6</sup>

Foi a partir destes laços que Amarylio aproximou-se sobremaneira do meio musical carioca, passando a escrever sobre ele em alguns periódicos: A Batalha (anos 30), O Carioca, (anos 40), Vamos Lêr (anos 40), Almanaque e a já citada Gazeta de Notícias (na primeira metade dos anos 50), entre outros. Entretanto, o que mais nos interessa para este texto são seus escritos no periódico Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em especial suas críticas musicais.

### **Amarylio de Albuquerque e o periódico Gazeta de Notícias**

O Gazeta de Notícias foi um periódico fundado em 1875. Segundo Carlos Eduardo Leal, “durante o segundo governo Vargas (1951-1954), o jornal esteve inteiramente de acordo com as posições do presidente...a partir dessa época o jornal não mais se vinculou a grupos, e sim a princípios”<sup>7</sup>. Este período coincide praticamente com o período das críticas realizadas por Amarylio, que começam em junho de 1950 e vão até abril de 56 (Fig. 11).

---

<sup>6</sup> Imagem de Heloisa de Albuquerque disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_01/35420](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/35420), acesso em 7 de fevereiro de 2020.

<sup>7</sup> Verbete sobre o periódico Gazeta de Notícias. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>. Acesso em 15 de outubro de 2019.



Figura 11 : Recorte do periódico Gazeta de Notícias do dia 30 de junho de 1950, p. 2 anunciando o início das críticas musicais de Amarylio de Albuquerque. Fonte: Hemeroteca Digital.<sup>8</sup>

Foram verificadas 148 entradas com a grafia Amarylio e 14 entradas com a grafia Amarilio, totalizando 162 ocorrências, majoritariamente críticas musicais, num total de 137 críticas (Tab. 3), que listamos abaixo. As outras 25 ocorrências tratam-se de notícias a respeito de música, crônicas políticas, e crônicas literárias, e algumas citações de outros autores a respeito de Amarylio, sobretudo de sua vida política.

A coluna Música no Gazeta de Notícias por Amarylio de Albuquerque			
	Ano	Data e página	Tema
1	1950	22 de julho, p. 5	Margem da temporada lírica oficial

<sup>8</sup> Recorte do Gazeta de Notícias, disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_08/2261](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_08/2261), acesso em 07 de fevereiro de 2020.

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

2		26 de julho, p. 5	Os responsáveis pelo Teatro Municipal se desinteressam pelas boas sugestões
3		28 de julho, p. 5	“Bohème” na segunda récita da temporada
4		4 de agosto, p. 9	Artistas que não cantam, mas figuram no programa da lírica nacional
5		2 de setembro, p. 7	O Ballet da Ópera de Paris
6		26 de setembro, p. 6	“Elementos Fundamentais da Música” Do Prof. Almeida Lima
7		28 de outubro, p. 6	O abandono da arte lírica nacional
8	1951	3 de março, p. 5	A Temporada de arte nacional
9		6 de março, p. 6	Considerações à margem da temporada lírica nacional
10		9 de março, p. 6	Maior amparo à Orquestra Sinfônica Brasileira
11		14 de março, p. 6	O Programa da OSB para este ano
12		20 de março, p. 6	A razão do nosso silêncio sobre a Temporada Experimental de Ópera
13		21 de março, p. 6	Temporada Nacional de Arte Nacional
14		23 de março, p. 6	Uma grande obra do grande Vila Lobos
15		4 de abril, p. 6	Artistas da lírica Nacional ainda sem contrato
16		5 de abril, p. 6	O côro dos Cossacos do Don na ABC
17		18 de abril, p. 6	Antonieta de Souza e o intercâmbio cultural brasileiro
18		20 de abril, p. 6	Concerto Inaugural da Temporada da Escola Nacional de Música
19		3 de maio, p. 6.	O Guarany de Carlos Gomes
20		20 de maio, p. 11	Backhaus
21		24 de maio, p. 6	Considerações sobre Ballet
22		27 de maio, p. 4	“Bodas de Fígaro”
23		6 de junho, p. 6	A 5ª Récita do Ballet Theatre
24		8 de junho, p. 7	A 6ª Recita do “Ballet Theatre”
25		26 de junho, p. 6	Ballet Hindu
26		29 de junho, p. 7	Rubinstein
27		12 de julho, p. 6	Acéfalo o Teatro Municipal
28		10 de julho, p. 6	Amplo Programa de Iniciativas Culturais da Prefeitura
29		20 de julho, p. 7	O 9º Concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira
30		17 de agosto, p. 6.	O Quarteto Vegh
31		24 de agosto, p. 7	“Fedora” em 2ª récita
32		28 de agosto, p. 6	3ª Récita com “La Traviata”
33		4 de setembro p. 7	Os artistas nacionais e a Temporada Lírica Oficial
34		11 de setembro, p. 7	6ª Récita com Don Carlos de Verdi
35		12 de setembro, p. 7	A Direção do Teatro Municipal
36		25 de setembro, p. 6	9ª Récita com “Il Barbiere di Siviglia”
37		27 de setembro, p. 5	10ª Récita com Tosca
38		2 de outubro, p. 4	Bolsa de estudo como pretexto para publicidade
39		11 de outubro, p. 8	Que se pensa fazer agora no Teatro Municipal?
40		17 de outubro, p. 5	“O Guarani”
41		20 de outubro, p. 4	Concurso “O Grande Caruso”/
42	1952	17 de fevereiro, p. 8	Clotilde Maragliano e sua vida de glórias
43		5 de março, p. 10	O ensino de canto e a opinião dos que estudam
44		16 de março, p. 8	Mussorgsky
45		20 de março, p. 8	Tchaikovsky
46		22 de março, p. 6	O programa da OSB para o corrente ano
47		2 de abril, p. 6	Promessas que não se concretizam no Teatro Municipal
48		11 de abril, p. 8	A estrêla do “Ballet” no Municipal
49		3 de maio, p. 8	Mussorgsky
50		7 de maio, p. 5	O desaparecimento dos concertos populares do Teatro Municipal
51		9 de maio, p. 7	Gyorgy Sándor
52		14 de Maio, p. 9	Rachmaninoff
53		17 de junho, p. 5	A próxima temporada lírica internacional
54		10 de julho, p. 5	A Fundação da Juventude Musical do Brasil
55		12 de julho, p. 5	Cortot
56		13 de agosto, p. 5	A inauguração da temporada lírica nacional



**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

57		15 de agosto, p. 5	“Turandot”
58		19 de agosto, p. 5	“Traviata”
59		28 de agosto, p. 7	“Manon” de Massenet
60		30 de agosto, p. 5	Reação contra a repetição da “Manon”
61		2 de setembro, p. 8	“La Gioconda”
62		5 de setembro, p. 8	Villa-Lobos
63		16 de setembro, p. 5	“Francesca da Rimini”
64		7 de outubro, p. 6	“Madame Butterfly”
65		11 de outubro, p. 6	Festival Radamés Gnatalli X José Vieira Brandão
66		29 de outubro, p. 7	...E o Ministro da Educação nos ouviu
67		31 de outubro, p. 8	O deputado Brigido Tinoco propõe um auxílio à OSB
68		6 de novembro, p. 5	Festival Frutuoso Viana X Iberê Lemos
69		21 de novembro, p. 8	Vila Lobos e o Festival do Rio de Janeiro
70		6 de dezembro, p. 6	“Sumé-pater-patrium”
71		12 de dezembro, p. 6	Escola Nacional de Música X Conservatório Nacional de Canto Orfeônico
72	1953	24 de fevereiro, p. 6	Compositores Americanos – Ciríaco de Jesus Alás
73		15 de março, p. 6	A Temporada de Arte Nacional
74		21 de março, p. 7	As injustiças contra os artistas nacionais
75		11 de abril, p. 7	A Associação de Canto Coral e o Corpo Coral do Teatro Municipal
76		29 de abril, p. 5	Deformação do Teatro Municipal/ O “Assírio” cortado em biombos pelo Sr. Barreto Pinto*
77		8 de maio, p. 5	“O Trovador”
78		12 de maio, p. 11	A Temporada Nacional de Arte
79		24 de maio, p. 6	Ordem ao Teatro Municipal
80		28 de maio, p. 11	Compositores Americanos – Próspero Bisquert (Chile)
81		12 de junho, p. 11	A Música Nacional nos programas da OSB
82		17 de junho, p. 11	Arquivo Nacional de Música
83		19 de junho, p. 11	Intercâmbio Artístico Musical
84		25 de junho, p. 11	Os Concertos Dominicais do Teatro Municipal
85		9 de julho, p. 11	As atividades musicais da cidade
86		18 de julho, p. 11	A heterogênea comissão artística do Teatro Municipal
87		5 de agosto, p. 11	O Regresso de Villa-Lobos
88		12 de agosto, p. 11	“Tannhauser” na abertura da Temporada Lírica
89		19 de agosto, p. 11	Regentes Nacionais para a OSB
90		21 de agosto, p. 11	A ausência do “Ballet” na presente temporada
91		30 de agosto, p. 6	O “Orfeu” de Gluck
92		3 de setembro, p. 5	“Werther”
93		9 de setembro, p. 11	“Tosca”
94		16 de setembro, p. 11	“Otello”
95		23 de setembro, p. 8	“Sansão e Dalila”
96		3 de outubro, p. 8	Homenagem da cidade da Vila-Lobos
97		14 de outubro, p. 8	Estranha campanha contra os artistas nacionais
98		16 de outubro, p. 5	Vila-Lobos na ordem Nacional do mérito
99		27 de outubro, p. 11	O II Festival do Rio de Janeiro/ Recital de declamação do grande artista João Villaret
100		28 de outubro, p. 8	Teatro Municipal-Feudo do Sr. Barreto Pinto
101	1954	12 de março, p. 6	A Lírica Nacional
102		27 de março, p. 6	O deputado Euvaldo Lodi e a OSB
103		2 de abril, p. 6	Precisamos de regentes
104		8 de abril, p. 6	O 2º Concerto da OSB
105		10 de abril, p. 6	“Lo Schiavo” na Temporada Lírica Nacional
106		18 de abril, p. 6	A escola de canto lírico do Teatro Municipal
107		4 de maio, p. 6	“Mignon”
108		14 de maio, p. 6	A Escola de Canto Lírico etc.
109		27 de maio, p. 6	A volta da lírica nacional
110		30 de junho, p. 7	A 3ª récita do Ballet de Marquez Cuevas



**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

111		11 de agosto, p. 6	“Salomé” e “Gianni Schicci”
112		18 de agosto, p. 6	O “Rapto do Serralho”
113		7 de setembro, p. 7	“La Forza del Destino”
114		12 de outubro, p. 6	“Aída”
115		19 de outubro, p. 7	Ainda e sempre o Teatro Municipal
116		9 de novembro, p. 7	A Direção da Escola Nacional de Música
117		10 de novembro, p. 6	Letícia de Figueiredo
118		18 de novembro, p. 6	Sonia Maria Strutt
119		15 de dezembro, p. 7	A Direção da Escola Nacional de Música
120	1955	7 de janeiro, p. 7	Reflexões sobre uma nomeação
121		6 de abril, p. 6	O Teatro Municipal por dentro
122		21 de maio, p. 6	Quanto ganha um maestro na OSB?
123		7 de junho, p. 6	“Les Contes DHoffmann”
124		25 de junho, p. 6	Pierre Sancan
125		29 de julho, p. 7	Razões da falência da OSB
126		10 de agosto, p. 6	Vozes de Belo Horizonte*
127		17 de agosto, p. 7	“Falstaff”*
128		2 de setembro, p. 6	Vila-Lobos na Ordem do Mérito
129		9 de setembro, p. 7	A derrota da diretora da Escola Nacional de Música
130		11 de novembro, p. 7	O Coral Bach do Recife*
131		1 de dezembro, p. 7	Homenagem de artistas
132		8 de dezembro, p. 7	Maria Lupcínia Gigliotti
133	1956	7 de fevereiro, p. 6	O desaparecimento de nossa principal orquestra*
134		18 de fevereiro, p. 6	O museu do Teatro Municipal*
135		10 de abril, p. 6	A 2ª récita da temporada oficial de bailados
136		21 de abril, p. 7	Gulda e Klein pela ABC*
137		26 de abril, p. 6	Protecionismo Artístico no Teatro Municipal*

Tabela 3: Listagem das críticas de Amarylio de Albuquerque no Gazeta de Notícias entre 1950 e 1956.

A partir da leitura deste material, podemos destacar alguns aspectos: o primeiro é o fato de que grande parte de suas críticas são bastante ativas em enaltecer a arte nacional. Em vários escritos, reitera a importância dos artistas nacionais, tanto intérpretes, quanto compositores, reservando críticas ferinas à direção do Theatro Municipal, que privilegiava artistas estrangeiros em suas récita. Em 21 de março de 1953, por exemplo, ele escreveu:

Há inegavelmente uma conspiração inconsciente, atuando em todos os setores da vida musical da metrópole contra o artista nacional.

Ninguém percebe o motivo que a inspira, as razões que estratificaram nesse conduto malsã de diretores de orquestra, de presidentes de sociedades de música e até membros da Comissão Artística do Teatro Municipal, principal centro de irradiação da nossa arte, contra o músico nacional. Até agora não surgiu uma explicação plausível que afasta...o artista nacional dos palcos de concerto para, em seu lugar, colocar elementos alienígenas, nem sempre merecedores de tal preferência.

Em outras terras, sabemos nós, o que se verifica é justamente o contrário. Ninguém disputa o lugar do nacional, porque a este cabem sempre as honras da casa na distribuição das preferências. Os demais ficam aguardando oportunidade que raramente aparece.

No Brasil dos paradoxos, entretanto, o artista nacional, para vencer as resistências do meio ambiente, tem que lutar com todas as suas forças contra as resistências que opõe o seu aparecimento perante o público. E quando chega a sua vez leva, invariavelmente, a sobrecarga dos pessimismos da crítica que nunca falta, dos negativistas das ante salas.

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

Quem quiser colher a prova dessa obstinada resistência contra o nacional não precisará perder muito tempo. Basta olhar o programa das nossas principais sociedades de música para o ano em curso e anotar os nomes de estrangeiros nas nossas orquestras, sem se dar ao trabalho inútil de esperar pelo elenco da futura estação oficial de ópera para ter a certeza da preterição que o persegue.

É certo que todos os anos nesse elenco, vamos encontra-los em larga messe nos programas, porém, apenas, como uma ilusória justificativa às verbas pleiteadas, porque na realidade quase nunca aparecem no palco ao lado dos estrangeiros.

Agora mesmo, os senhores do Teatro Municipal estão organizando, por força de uma disposição de lei, a Temporada de Arte Nacional e, ao que estamos informados, já foram incluídos até elementos estrangeiros.

Agindo dessa forma, sem olhar e estimular vocações, que vão surgindo todos os dias, outra coisa não estaremos fazendo senão contribuir para aniquilar as derradeiras esperanças dos nossos artistas em face dessa triste e injustificável realidade. (Gazeta de Notícias, 21 de março de 1953, p. 7).

É possível que o teor do periódico solicitasse este tipo de abordagem a respeito da soberania nacional, visto que seus editoriais espelhavam positivamente com Vargas. Por outro lado, é também provável que o fato de ser casado com a cantora lírica Heloísa de Albuquerque, tenha também o conduzido a se posicionar em favor dos artistas brasileiros. Em 14 de outubro de 1953 escreveu:

O Brasil é um país às avessas. Isto significa que nada valem no conceito dos nossos concidadãos. Temos sempre uma predisposição contra o que é nosso. Um velho e arraigado, incompreensível e eterno complexo de inferioridade, que não nos permite dar o devido valor ao que possuímos, mesmo estabelecendo comparações com o que importamos.

Estas considerações nos vêm em memória em face da preterição dos artistas líricos brasileiros na temporada lírica internacional, onde foram injustificadamente postos à margem pelos estrangeiros.

Diz-se que a arte não tem pátria, conceito com o qual concordamos integralmente. Mas não tem pátria no Brasil, na terra onde outros dominam, muitas vezes sem possuírem as devidas credenciais. Gostamos de aplaudir os estranhos quaisquer que sejam, venham de onde vierem, possuam ou não o valor que os recomenda aos nossos valores emocionais. Na Itália, na França, na Inglaterra, na Argentina, nenhum estrangeiro será capaz de disputar o lugar do nacional. Há pouco tempo os jornais noticiaram que, um conjunto de músicos brasileiros não pode se exibir na Itália pela campanha que lhes foi movida pelos italianos em defesa de seus direitos e por saberem que iriam ficar sem trabalho, mesmo por algum tempo, com a atuação deles nos teatros da península. Aqui, entretanto, as cousas se passam ao contrário. Organiza-se uma temporada lírica, dirigida por uma Comissão Artística Oficial, nela toma parte quase que exclusivamente estrangeiros, e aos da terra, muitas vezes em melhores condições, só dão, quando dão por esmola, segundos papéis. Mesmo levando espetáculos de nível artístico inferior, como aconteceu com a “Carmem”, que por um triz não foi vaiado. E ainda assim, em face do fracasso, apreciado por todos e condenado pela crítica, repetem-na com os mesmos artistas como um acinte ou uma provocação aos nossos brios e à nossa displicente generosidade. (Gazeta de notícias, 14 de outubro de 1953, p. 8).

Majoritariamente, as críticas tratam da arte lírica nacional, valendo-se sempre de um certo caráter ufanista à produção musical do Brasil, o que era comum na escrita deste

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

período. Há ainda, em algumas críticas, a presença de compositores latino-americanos, como é o caso de Próspero Bisquert (chileno) e Ciríaco de Jesus Alás (salvadorenho).

Além destas questões, Amarylio também traz muitas críticas especificamente da relação entre A Escola Nacional de Música e o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Outro fato relevante é que a maioria suas críticas tratam com frequência do universo da arte lírica e da ópera, fruto de seu trânsito no meio artístico musical e de suas longas conversas com Heloisa de Albuquerque, sua esposa, como nos informou em entrevista, sua filha Wanda de Albuquerque.

É fato relevante, também, que tornou-se amigo íntimo – conforme também nos informou sua filha Wanda – e, posteriormente, inventariante de Villa Lobos, o que podemos atestar, a partir da notícia sobre o espólio do compositor:

O espólio do maestro Vila-Lôbos eleva-se a mais de 37 mil cruzeiros novos, depositados, correspondentes a direitos autorais recebidos aqui e no exterior, pela execução de suas composições e a parte fonográfica. Quem informa à coluna sobre o assunto é o próprio inventariante do autor das “Bachianas”, Sr. Amarilio de Albuquerque. Segundo o disposto no testamento, da renda disponível, dois terços caberão à Dona Arminda Vila-Lôbos, que ele constituiu em sua herdeira, e um terço à Academia Brasileira de Música. Nos próximos dias, deverá ser requerido à Justiça a liberação dos aludidos recursos, a fim de iniciar-se o pagamento a quem de direito. (Diário de Notícias, 14 de dezembro de 1969, p. 2).

Dedicou diversas linhas de sua produção crítica ao compositor e, na maior parte das vezes, buscou demonstrar o poder e força de sua composição, sempre relacionando-a aos aspectos da construção da música brasileira enquanto tal, amparando-se em vocábulos que remetem ao patriotismo e ao nacional e reconhecendo-o como importante representante da arte musical brasileira:

É da essência mesma dos gênios, a criação. Sem essa característica, não se pode concebê-los, aceita-los, classifica-los. Todas as definições conduzem, inevitavelmente, a esse sentido, a essa base de raciocínio que delimita a fronteira das inteligências nas esferas de suas múltiplas atividades.

No Brasil de hoje, há um vulto dessa estatura. Visto de perto, parece menor do que é circunscrito, apenas pelo seu aspecto displicente, despreocupado de si mesmo, como uma simples gravura dos figurinos atuais. Quem se dispuser, entretanto, à examiná-lo melhor, como pesquisador de almas e de obras, certamente encontrará nele a definição clássica que o distancia das demais criaturas. É Vila Lobos. Na terra em que nasceu e, principalmente fora dela, a sua fama e a sua estatura se agigantam. No estrangeiro, aparece como criador inimitável de novas formas musicais, de nova estrutura artística, através das páginas imortais que deslumbram todos os auditórios, os mais cultos e os mais exigentes. Em toda a sua obra se reflete o centelha tutelar do gênio, a marca inconfundível de uma personalidade que nunca encontrou medida que o pudesse circunscrever, porque transcendeu às mais amplas latitudes visíveis e percebíveis pelos demais. (Gazeta de Notícias, 22 de março de 1951, p. 6).

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

Demonstrou em seus textos o seu empenho para a divulgação da obra de outros compositores contemporâneos, a partir da criação do Festival de Obras Camerísticas de Compositores Brasileiros”, cujas audições realizadas no Auditório do Edifício Gustavo Capanema, no Ministério da Cultura, em que apresentavam obras sinfônicas e camerísticas de compositores brasileiros:

A música de câmara começa agora, a ter ambiente propício à sua manifestação através dos festivais promovidos pela Academia Brasileira de Música e pelo Conservatório Nacional de Canto, por iniciativa de Villa-Lobos. Assim, ficamos a dever ao grande músico brasileiro mais este serviço que está prestando à arte nacional. No último sábado, tivemos no auditório do Ministério da Educação o festival Radamés Gnattali X José Vieira Brandão, duas relevantes expressões da música. Infelizmente, por motivo estranho a nossa vontade, não nos foi dado ouvir a parte referente ao primeiro.

Entretanto, recolhemos do segundo impressões das mais lisonjeiras. José Vieira Brandão, pela sinceridade dos seus intuítos artísticos e, principalmente pelo seu invejável talento, já é detentor de um nome invejável nos fastos da atualidade musical brasileira comprovados pelas inúmeras demonstrações que nos tem dado de sua maneira personalíssima de construir a deliciosa arquitetura sonora de suas peças, onde palpita um alto senso estético, transparecendo, esplendidamente, na maneira correta, sóbria, e sobretudo idealista com que conduz sua palheta multiforme de compositor. Ouvi-lo é um deleite auditivo, tanto nos fala ele através dos bem urdidos movimentos do “Choro” para quarteto de madeiras, no qual se impuseram como interpretes, nomes como Ary Ferreira, Giuseppe Sergi, Augusto Keller e José Rosa Ribeiro, harmonicamente coordenados na magnífica audição proporcionada aos ouvintes das duas organizações musicais acima citadas.

Mais adiante o artista apareceu sob nova forma expressa em inumeras composições para canto, sob letras de consagrados vates brasileiros, todas repletas de lirismo tropical da nossa gente e plasmadas com um senso integral que inspiraram os poetas, autores de tão lindos versos. Serviu Cristina Maristany de intérprete desses lindos poemas musicais, com aquela arte lindamente filigranada que emprega, doando sutilmente as páginas confiadas no seu senso artístico. “Prece”, “Onda”, “Serei... Será”, “Só”, (...), “Angustia”, “Cromo n. 2”, “Ausencia”, “Sombra verde dos coqueiros”, “Confidências” e “Mantinta Perêra”, são peças que devem figurar, obrigatoriamente, nos nossos programas de concerto, pela espontaneidade, pela graça e pela fidalguia da maneira com que foram plasmadas.

O sucesso de José Vieira Brandão abrangeu, muito justamente, a querida interprete de suas músicas, Cristina Maristany levando-a a conceder um número extra a tão aplaudida “Advinhação” sob os belos versos de Martins dAlvarez. (Gazeta de Notícias, 11 de outubro de 1952, p. 6).

Amarylio aproveita ainda para alfinetar o Teatro Municipal, a partir do elogio ao intento de Villa-Lobos, que promoveu a audição de grande material composicional de brasileiros:

Estamos penetrando, desassombradamente, num ambiente onde a arte impera em toda a sua esplêndida magnitude. Estes Festivais do Rio de Janeiro, à pouco iniciados, tem concorrido para arejar a atmosfera monótona que vinha

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

predominando no Teatro Municipal, onde o reinado da ópera deitara raízes impossíveis de remover.

É que a música sinfônica coral não tivera, até agora, uma oportunidade de manifestar-se, com a imponência majestosa de sua exteriorização. No sábado último, porém, coube a um músico brasileiro, o maior de sua geração, assinalar com o impulso de seu gênio criador uma nova época nos domínios desta arte tão complexa e tão cheia de encantos, pela magnificência de sua penetração. (Gazeta de Notícias, 21 de novembro de 1952: p. 8)

O encerramento do festival, com obras de Frutuoso Viana e Iberê de Lemos, foi documentado por Amarylio de Albuquerque, a partir de suas observações a respeito da importância de trazer à luz este material musical, desconhecido dos compositores brasileiros ao público:

Com o encerramento dos “Festivais de Obras Camerísticas de Compositores Brasileiros” no último sábado, alcançaram o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e a Academia Brasileira de Música os mais assinalados resultados em sua diretriz, que certamente será a difusão das obras dos nossos músicos, largamente tirando-os do ineditismo em que jazem e, ao mesmo tempo, proporcionando ao público e aos cultores da música meios práticos de travarem conhecimento com um vasto manancial de criações desconhecidas até agora.

Um por um, num desfile semanal de talentos, passaram pelo auditório do Ministério de Educação, sempre cheio de um público entusiasmado e culto, os compositores sócios da Academia Brasileira de Música, representantes, que eram, dos Estados onde nasceram, oferecendo aos assistentes o fruto de suas criações artísticas, pelas quais se poderia facilmente medir a evolução musical do Brasil nessa verdadeira feira de vocações.

Certamente, o poder criador de Villa-Lobos, idealizador desses Festivais, depois dos resultados obtidos recolherá elementos à novos empreendimentos no setor da música, que beneficiará, ainda mais, a cultura nacional. E se o grande mestre nos permitisse uma sugestão, nós a daríamos da seguinte maneira: nesse festivais onde são apresentadas composições de autores vivos, o não esquecimento dos mortos seria obra justa e relevante, daqueles que tanto honraram com as luzes de seu saber e o poder de sua imaginação criadora a arte brasileira, os Nepomuceno, os Carlos Gomes, Henrique Oswald, os Leopoldo Miguez, os Glauco Velazquez, os Francisco Braga, os Padre Maurício, etc. (Gazeta de Notícias, 6 de novembro de 1952, p. 5).

A respeito das críticas ao Teatro Municipal, ainda aponta, com infelicidade, o encerramento dos concertos populares que aconteciam inicialmente na Escola Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ) e posteriormente no Teatro Municipal:

As boas iniciativas quase nunca vingam em nossa terra e geralmente terminam com o afastamento de seus idealizadores. É o que ocorreu, precisamente, com os concertos populares do Teatro Municipal, levados a efeito nas manhãs de domingo e promovidos pela antiga Diretoria de Difusão Cultural da municipalidade, hoje Diretoria de Educação de Adultos.

O seu idealizador foi o sr. Maciel Pinheiro, homem empreendedor e ativo, com muitos defeitos por nós apontados nestas colunas, porém, também com muitas qualidades, principalmente esta, de alargar o âmbito da música procurando difundi-

**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

la por todas as camadas sociais da cidade. (Gazeta de Notícias, 7 de maio de 1952, p. 5).

Podemos destacar também seu interesse pela Orquestra Sinfônica Brasileira, sobretudo quanto ao repertório abordado, bem como sua gestão. Em várias críticas, ele ressalta a importância da Orquestra e o trabalho virtuoso realizado pelos músicos e regentes para mantê-la, ressaltando sempre a importância da “música nacional” e de seus intérpretes, bem como demonstrando sua proximidade e favoritismo pela arte lírica:

O plano de atividades da Orquestra Sinfônica Brasileira para o presente ano é dos mais sugestivos.

O Maestro Eleazar de Carvalho, seu diretor artístico, dando demonstração de suas altas qualidades, não só de regente, como de organizador, acaba de anunciar as linhas mestras que nortearão o conjunto e pelas quais facilmente se poderá aferir quanto realizará no terreno do sinfonismo.

Além de consagrados regentes, os melhores diretores de orquestra do mundo, solistas de nomeada (reputação) foram contratados, não só no Brasil, como no estrangeiro, não se descuidando, por outro lado, dos elementos necessários ao conjunto, como oboés, flautas, flautins, fagotes, trompas, violas, contrabaixos, harpas e tímpanos.

Nomeando todos os elementos que deverão participar dos concertos da O.S.B. – regentes e solistas – esqueceu-se, entretanto, o Maestro Eleazar de Carvalho dos cantores, fazendo apenas uma ligeira referência a eles. É que a sua preocupação máxima fixou-se nos instrumentistas, tais como pianistas, violinistas, violoncelistas e até violistas.

É um pequeno detalhe, mas que deve ser anotado, para não se dizer por aí que a Orquestra Sinfônica Brasileira relegou a um segundo plano, em suas preocupações, os que se dedicam ao canto, não só no Brasil, como no estrangeiro.

Fazendo uma pequena ressalva que vale, apenas, como o desejo de aplaudir o grande programa elaborado, estamos certos de que guiadas por mãos tão firmes, a Orquestra Sinfônica Brasileira cada vez mais se afirmará ao respeito e à admiração de todos nós. (Gazeta de notícias, 22 de março de 1952, p. 6).

Por último, podemos destacar o seu empenho em incentivar a criação do Arquivo Nacional de Música – que foi um projeto abandonado pelos poderes executivos, mas cujo desejo de realização estão sempre presentes em seu texto –, demonstrando a importância de termos um acervo consistente das obras dos compositores brasileiros de todos os tempos. No periódico Gazeta de Notícias de 17 de junho de 1953, Amarylio faz questão de endossar a importância da criação deste arquivo a partir de uma enumeração de compositores brasileiros dos séculos XVIII e XIX, muitos dos quais, ainda hoje, não são nomes costumeiros no campo da música:

Estamos a considerar aqui, nestes cavacos diurnos com os leitores, certos aspectos da nossa contribuição à formação da cultura musical brasileira e nos lembramos da sugestão que, certa vez, um músico patricio nos fez, sobre a constituição de um



**Simpósio Internacional Música e Crítica**  
**Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas**  
**11-12 de novembro de 2019**

arquivo que reunisse todo o acervo dos compositores brasileiros, desde a época do Brasil colônia, até os nossos dias.

Esta seria, de certo, uma grande tarefa e uma imensa contribuição que prestaríamos a música nacional, com tal colheita, paciente e beneditina de manuscritos, colhidos em todas as fontes, para a formação de um arquivo que oferecesse ao visitante tudo o que produzimos no setor abandonado da criação musical.

Poucos conhecem os homens que se dedicaram, em passadas épocas, à tarefa de criadores de harmonia e apenas os nomes de Carlos Gomes, autor das nossas primeiras óperas e Padre José Maurício Nunes Garcia, o grande sinfonista brasileiro e Francisco Manuel da Silva, autor do Hino Nacional, ainda são citados entre nós. Mas em todos os estados da Federação, em todos os tempos, outros grandes vultos concorreram com os seus talentos e os seus labores, para a formação da cultura musical brasileira. Citaremos, de momento, do Norte para o Sul: no Estado do Pará, em 1872, Meneleu Campos; no Maranhão em 1813, Estefania de Freitas Pastor; no Ceará, em 1864, Alberto Nepomuceno; no Rio Grande do Norte, em 1858, Abdon Fellinto Milanez; em Pernambuco em 1889, Luiz Alves Pinto; em Sergipe, em 1851, Manoel dos Santos Santa Cruz Bahiense; na Bahia, em 1707, Frei Agostinho de Santa Maria; No Espírito Santo, em 1764, José dos Santos Barreto; no Distrito Federal, em 1767, o já citado Pe. José Maurício Nunes Garcia; no Estado do Rio de Janeiro, em 1852, Henrique Oswald; em São Paulo em 1836, Carlos Gomes, também já referido; no Paraná, em 1856, Brasília Itiberê da Cunha; em Minas Gerais em 1755, Padre Domingos Simão da Cunha e no Estado do Rio Grande do Sul, em 1860, Antonio Carlos da Silva Guimarães.

Estas ligeiras citações colhidas a esmo, apenas para ilustrar estes comentários, dão uma idéia do que se poderia fazer de inédito e sobretudo de útil neste particular, proporcionando oportunidades aos estudiosos e ao público em geral, de conhecer os músicos brasileiros, difundir as suas obras e lhes prestar o culto imorredouro da nossa admiração. (Gazeta de Notícias, 17 de junho de 1953, p. 11).

A respeito da criação deste arquivo, encontramos no periódico Tribuna da Imprensa a informação de que foi levado ao governo a proposta de criação, mas também não se concretizou:

Foi apresentado ontem, ao Ministro da Educação, o projeto que cria o Arquivo Nacional de Música, iniciativa do crítico musical Amarylio de Albuquerque, da Diretora do Museu Villa-Lobos e do Diretor do Conservatório de Canto Orfeônico, Sr. Otacílio Braga. Terá as seguintes finalidades: arrolar todas as composições musicais brasileiras, reunindo informações e documentos a respeito de seus compositores, fazer ou promover pesquisas a respeito da história da nossa música, registrar as produções musicais do Brasil e difundir por todos os meios convenientes, a música brasileira. O ANM também editará trabalhos sobre as obras constantes de sua coleção, de autores escolhidos pela unanimidade do Conselho ou por concurso. O Arquivo Nacional de Música – caso o projeto seja aprovado-funcionará no edifício do Palácio da Cultura, na GB. (Tribuna da Imprensa, 30 de agosto de 1962, p. 9).

Amarylio de Albuquerque no Gazeta de Notícias, registrou em críticas, conforme demonstramos, seu apreço pela arte lírica, pelos artistas, intérpretes, compositores (sobretudo por Villa-Lobos) e regentes brasileiros, pela produção musical brasileira, bem como buscou ativamente denunciar excessos em diferentes órgãos públicos e sociedades musicais, sempre em favor do que chamava de “música nacional”.

### **Considerações finais:**

Este texto apresentou o primeiro resultado das investigações a respeito da contribuição de Amarylio de Albuquerque à crítica musical brasileira, a partir de levantamento e observação de alguns de seus textos publicados no periódico Gazeta de Notícias, em coluna específica de música. A partir desses documentos é possível perceber sua aproximação ao reconhecimento de uma música nacional, não apenas enquanto estética, mas também a partir da dignificação de intérpretes e compositores brasileiros. Sobretudo suas críticas demonstram a importância de propiciarmos, a partir de políticas públicas, o incentivo e o desenvolvimento da arte nacional, bem como a divulgação e difusão do acervo musical produzido por nossos compositores e intérpretes.

Outra questão importante e latente em toda a documentação é a reverência que o autor faz à Villa-Lobos, não faltando citações à sua genialidade, comprometimento, empenho. Em diversas críticas é possível verificar a proximidade entre os dois. O contato que tive com Amarylio, ainda que pequeno, pois quando ele faleceu eu tinha 14 anos, me faz lembrar de suas histórias a respeito de Villa-Lobos. Sua filha, Wanda Albuquerque, também aponta para esta forte amizade, em todos os encontros em que a história de seu pai vem à tona. Seu apreço pela arte lírica, pela ópera e pelos cantores, refletidos nas críticas, foram confirmados em conversa com Wanda, que ressaltou a importância de Heloisa de Albuquerque nas considerações em textos e críticas feitas por Amarylio.

É nosso interesse darmos continuidade à este trabalho, compilando todas as críticas produzidas nesse periódico, organizando onomasticamente todos os personagens citados e obras citadas, bem como ampliarmos a pesquisa para o periódico Vamos Lêr, esperando, assim, abrir espaço para pesquisas a respeito das críticas musicais em torno dos anos 40 e 50 do século XX.

### **Referências:**

A NOITE. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_04/1](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/1). Acesso em 18 de setembro de 2019.

CORREIO DA MANHÃ. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/890529/7>. Acesso em 19 de setembro de 2019.

Simpósio Internacional Música e Crítica  
Conservatório de Música – Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
11-12 de novembro de 2019

CORREIO PAULISTANO. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_07/1](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_07/1). Acesso em 18 de setembro de 2019.

DIÁRIO DE NOTÍCIA. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_08/1](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_08/1) . Acesso em 18 de setembro de 2019.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_09/1](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/1). Acesso em 18 de setembro de 2019

GAZETA DE NOTÍCIAS, Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_08/1](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_08/1) . Acesso em 19 de setembro de 2019.

JORNAL DO BRASIL, Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_04/0](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_04/0). Acesso em 18 de setembro de 2019.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_02/1](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/1) . Acesso em 19 de setembro de 2019.

VAMOS LÊR. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/183245/1>. Acesso em 31 de janeiro de 2020